

JULIETA MONGINHO

Entrevistada por Maria Augusta Silva

Entrevista realizada na ocasião da publicação do romance *À Tua Espera* (2000)

Palavra depurada, na qual faz viver o imenso. Julieta Monginho, lisboeta a quem a infância em Évora deu a vastidão dos horizontes largos. Em 1996, surgiu com o seu primeiro romance: *Juízo Perfeito*. Dois anos depois publica *A Paixão segundo os Infiéis*. Desde logo o êxito para a magistrada do Ministério Público que temia não ter tempo para a sua alma gémea: a escrita. Mas aí está nova obra, *À Tua Espera*. Um sorriso ainda mais sereno a desafiar os mundos do conhecimento, da justiça, das artes e da humanidade. Uma vida literária não tanto medida em tempo, mas sobretudo pela intensidade da estética narrativa. A paixão por Bach. Um escritor de referência: Italo Calvino. Ainda a lembrança de livros infantis: *A Gata Borralheira*, o primeiro que leu; *Alice no País das Maravilhas*. Todos os contos de Hans Christian Andersen. Ao escrever, «cruzam-se em mim muitas histórias». Histórias paralelas. Dariam, sem dúvida, outro livro. Poder-se-ia chamar *Dicionário dos Livros Sensíveis*. Tomem boa nota, senhores editores.

Da vida até à morte, qual a maior espera do ser humano?

Porventura a espera de qualquer coisa única e maravilhosa de que nos fala Fernando Pessoa. Há momentos dos quais nem nos damos conta e seria bom, no entanto, fixá-los.

A felicidade existe apenas em fragmentos?

Vejo-a desse modo. Ou talvez possa ser uma serenidade próxima do absoluto.

Uma mulher serena?

Já o sou mais. Se me é permitida uma comparação com a personagem Laura do meu último romance, creio que durante muito tempo fui o oposto dela, ou seja: nunca ficar sentada à espera. Hoje, que já encontrei muito do que procurava, julgo ter conseguido uma posição mais serena perante a vida, mas não passiva.

Laura tem uma atitude só aparentemente passiva. A fuga por dentro dela própria não será a mais violenta de todas as fugas?

Nunca crio uma personagem feminina de todo passiva. As mulheres são o lugar da inquietação, mesmo quando suportam estoicamente as sevícias, por exemplo, a violência doméstica, esperando o momento da fuga.

Enquanto magistrada lida com situações que sejam suporte da trama dos seus livros?

Uma história que me tenha acontecido em tribunal nunca a passo diretamente para a escrita. Prefiro ficcionar a partir de coisas comuns, banais; porém, todo o percurso da minha vida literária não deixa de estar eivado das minhas vivências. Não concebo nenhuma personagem que não tenha muito de mim, mesmo as secundárias, porque nelas há, também, a humanidade.

Tem uma escrita interventiva. Uma forma de tocar no escuro e mexer no sujo com luva branca?

A parte da escrita é aquela em que "desnormalizo" o resto da minha vida. O meu marido costuma dizer-me: «Na escrita és outra».

Mais implacável?

A doçura que se tem no dia-a-dia, na escrita torna-se quase violência para dar vazão ao outro lado. Não há em mim, porém, dois lados mas sim um dia-a-dia que não se põe em prática da mesma maneira.

Contaram-lhe muitas histórias em criança?

Tenho uma excelente e gratificante memória de o meu pai me contar histórias para me adormecer, mas ele adormecia primeiro. Eu ficava a perguntar: «E depois, pai, e depois?» Tal como o meu filho me perguntava: «Mãe, e porquê?» Em Évora, onde passei quase toda a infância, a minha mãe levava-me ao parque infantil, andava uns minutos no escorrega e corria para a biblioteca. Atração fatal. Tive igualmente o incentivo da minha mãe.

Contou histórias ao seu filho?

Claro. É hoje uma criança [11 anos, à data da realização desta entrevista] que sabe compatibilizar o gosto pela leitura com outros apelos próprios da sua geração. Tem a sua biblioteca no quarto, mas nas minhas estantes continuam a não faltar livros infantis universais. E ele também me sugere livros. Comecei a ler Harry Potter porque ele me disse: «Mãe, lê, é giríssimo, não podes perder».

O seu filho nunca sentiu ciúmes do tempo que a sua escrita lhe toma?

Ao princípio tinha uns ciúmes terríveis. Com três anitos, dizia-me: «Quero ser escritor como a mamã». E interrompia-me a toda a hora. Agora já participa. Neste livro, ficou fascinado pela viagem-mistério e ajudou-me, até, no enredo dos enigmas.

O enigma exerce um fascínio na sua personalidade de escritora?

Fascina-me o processo do conhecimento. Os cientistas são filósofos otimistas, pessoas que, embora questionem as coisas tal como os filósofos, vão mais longe e querem testar as descobertas. Fascinante, todavia, é nunca chegar-se ao fim de tudo, porque quando formos deuses acabamos. Por isso o enigma deve ser permanente.

Como se encontra na magistratura quem sempre sonhou artes?

O meu pai era poeta (António Monginho). Convivi sempre com livros. Gostaria de ter seguido Biologia (o desejo de conhecimento), mas a carreira de magistrada tem sido avassaladora e gratificante. Só temi faltar-me tempo para a escrita. Tenho-o conseguido. Sinto-me compensada.

E quando se dá o erro judicial...

É pouco comum, embora, na minha perspetiva, a pena de morte seja, sempre, um erro judicial, inadmissível. Acaba por ser um homicídio. E pratica-se, por exemplo, num país como os EUA, onde se vendem armas como se vendem e depois se diz «que horror, as crianças mataram»...

Alguma vez sentiu ter feito uma avaliação jurídica errada?

Marcou-me especialmente uma situação: uma senhora matou um filho toxicodependente que cometia barbaridades resultantes dessa circunstância. A vida daquela mãe era um martírio. Utilizou veneno misturado num copo de leite e foi acusada de homicídio qualificado. Condenada por homicídio simples, a defesa recorreu, pedindo atenuação da pena. Tive de responder ao recurso e senti haver alguma razão na defesa. Juridicamente, era fácil rebater o recurso. E fi-lo do ponto de vista jurídico.

Com que argumentos?

Quantas mães, neste país, sofrem o que esta mãe sofreu? E se todas matassem os filhos? Ganhei o recurso e a senhora não viu a sua pena atenuada. Não me arrependi da decisão, que juridicamente era a correta, mas sempre meditei sobre isto. Que legitimidade terei para fazer a comparação entre esta vivência e a de outras pessoas? Como viveria eu uma situação daquelas? Não posso deixar de me pôr em causa, nestas circunstâncias. E, se à luz jurídica a decisão foi irrepreensível, humanamente custou-me muito. Gostaria de nunca ter estado envolvida num caso destes.

Não viveria hoje sem a magistratura e sem a escrita?

Se tivesse de prescindir de uma, seria da magistratura. Enquanto conseguir realizar as duas, fá-lo-ei. Gosto muito de ambas.

Escreve nos intervalos?

Preciso de tranquilidade para escrever. Mas, se já estiver embrenhada num projeto, sou capaz de pegar num papel em qualquer sítio e de dar seguimento, até nas viagens entre Lisboa e Cascais.

A corrupção é a maior das violências dos nossos dias?

Um dos crimes que mais escapam à ação da justiça é o do colarinho branco. De uma maneira geral, a corrupção é praticada por quem tem poder. O grande combate do novo século [XXI] deverá ser o da luta contra todos os tráficos.

© MARIA AUGUSTA SILVA

ADENDA

- Depois de realizada esta entrevista, o romance *À Tua Espera* venceria o Prémio Máxima de Literatura.
- O projeto literário *Dicionário dos Livros Sensíveis*, mencionado nesta entrevista, viria a concretizar-se meses depois, ainda em 2000.
- À bibliografia citada acrescem: *Onde Está J.?* (2002); *A Construção da Noite* (2005); e *A Terceira Mãe* (2008, Grande Prémio de Romance e Novela APE / IPLB).

TAMBÉM NESTE SÍTIO

Uma leitura do romance
A Terceira Mãe, de Teresa Monginho

LER

http://www.casaldasletras.com/maria_Outras%20Leituras.html